

Saúde pública pede socorro no DF

FOTOS: TONY WINSTON

CRISE TEM ORIGEM EM PROBLEMAS ESTRUTURAIS E VAI ALÉM DA FALTA DE REMÉDIOS E DE PROFISSIONAIS

H ospitais cheios de deficiências, equipamentos sem manutenção e profissionais em número insuficiente para atender à demanda dos pacientes. Esta é a radiografia que o Jornal de Brasília vem mostrando, em uma série de matérias sobre o sistema público de saúde do Distrito Federal. A crise no setor vai além da falta de medicamentos e materiais, que, por si só, seriam preocupantes.

Durante três semanas, a reportagem acompanhou a rotina dos hospitais do DF. Em todas as unidades, as

condições de atendimento deixam a desejar. O vencimento de muitos contratos de manutenção, por falhas administrativas das últimas gestões da Secretaria de Saúde, criou um verdadeiro caos no setor.

Equipamentos básicos, como aparelhos de raio X e até mesmo elevadores, estão constantemente quebrados. Em muitos centros hospitalares, os sistemas elétrico e hidráulico não funcionam direito, comprometendo o funcionamento de equipamentos e obrigando alas de internação inteiras a ficarem, por exemplo, sem água quente para o banho dos doentes.

Por falta de estrutura e profissionais, a quantidade tradicionalmente insuficiente de vagas é ainda mais reduzida, prejudicando a rápi-



dez e a qualidade do atendimento. Nem mesmo as Unidades de Terapia Intensiva (UTI) escapam às falhas, tendo leitos desativados.

É o caso do Hospital Regional da Asa Norte (HRAN), que perdeu vagas da UTI por falta de médicos e enfermeiros. "Poderíamos ter até 12 leitos, se tivéssemos mais recursos humanos", garante o diretor Evandro Oliveira da Silva.

Médicos, enfermeiros e auxiliares de enfermagem dizem que estão sobrecarregados. Nenhum hospital do Distrito Federal tem uma equipe com tamanho adequado à demanda de pacientes. Muitos acabam ficando estressados, impacientes e desanimados, dificultando ainda mais a situação e castigando o paciente, a maior vítima dos problemas.



CORREDOR do Hospital de Base: pacientes nas macas dividem espaço com o público